

A mulata “Dalva na rua Mar”, de Carmen da Silva

Autoria do verbete: Nubia Jacques Hanciau (FURG)

Uma publicação brasileira cuja perspectiva seja a de inventariar os principais personagens de origem africana no século XX deve certamente levar em conta um dos tipos humanos mais representativos da nossa literatura – a mulata. Louvada ou exaltada, por vezes determinada por representações satíricas e desqualificantes, a mulata é figura recorrente em nossa literatura, marcando sua presença muitas vezes com traços positivos, que a distinguem e caracterizam como mulher exótica, bela, alegre, solidária, dotada de irresistível sensualidade, hábil cozinheira, com vocação para a música, a dança e o canto. Mas a mulata também é descrita (e vista) em traços negativos – particularmente os de mulher libertina –, que denotam sua imoralidade, adaptando-se muito bem à representação da “outra”, a companheira de aventuras amorosas e extraconjugais, cujo fascínio seduz os mais virtuosos. O que se comprova, porém, é que desde o século XVII até autores mais contemporâneos, entre eles Jorge Amado (*Gabriela, cravo e canela*, 1969) e João Ubaldo Ribeiro (*Viva o povo brasileiro*, 1984), essa figura mestiça desfila em nossos textos, revelando traços que compõem o conjunto de uma convenção literária sensivelmente homogênea, apesar de algumas mudanças a partir dos anos 1980.

Carmen da Silva, escritora rio-grandina que surpreendeu com o romance *Sangue sem dono* (1964), integra com “Dalva na rua Mar” as novelas que a Coleção Imago reúne a respeito do Rio de Janeiro; “romance e novela” (COUTINHO; SOUSA, 2001), segunda entre as dez histórias elencadas no livro intitulado *A cidade e as ruas: novelas cariocas*, essa publicação visa a homenagear a “cidade mais querida do mundo” (palavras do editor Ruy Carvalho), quando é festejado seu quarto centenário, em 1965. A autora, que escrevia simultaneamente em português e espanhol, depois de viver muitos anos em Buenos Aires e lá ter recebido pelo romance *Setiembre* (1957) – *Fuga em Setembro* na tradução para o português (1973) – a Faixa de Honra, prêmio outorgado pela Sociedade Argentina de Escritores, na década de 1960 estava de volta ao Brasil. No Rio de Janeiro, Carmen da Silva passou a assinar a coluna da revista *Cláudia* intitulada a “A arte de ser mulher”, que a fez conhecida notadamente por ousar tratar de temas inabordados até

então, nem por isso menos caros ao feminismo: machismo, aborto, maternidade, infidelidade, divórcio, escritos que atingiram repercussão nacional e contribuíram para a formação do pensamento de várias gerações de mulheres brasileiras.

Em “Dalva na rua Mar”, a jovem mulata Dalva dos Santos, que vivia em um rancho circundado pelo barro duro e quebradiço no interior do Rio de Janeiro, sem perspectivas, perseguida pela fome, não “fôsse a casualidade” (1965, p 40)¹, jamais teria saído da miséria, do fogão frio, dos barbeiros e dos percevejos, das poças de lama em volta do rancho; jamais teria escapado da chacota dos garotões safados que apontavam para ela e sua irmã Nair e riam. Não fosse o “carro enguiçado num caminho de lama e o casal tão correto, a patroa de gestos calmos e voz nítida de mulher rica, a cara de confiança do patrão com óculos de aros dourados, a resistência de tia Eulália cedendo pouco a pouco – eu cuido, cuido que nem filha –” e o Rio de Janeiro ficaria “pelos séculos dos séculos” (p. 40) a desejar. Interiorana, Dalva trava seu primeiro contato com a metrópole misteriosa e borbulhante de vida, “caminhando ébria e feliz”. A descrição dessa descoberta, narrada em linguagem requintada e rica, aponta para o prejulgamento que sofrem Dalva e Nair, em razão da pobreza e da cor. Os problemas sociais decorrentes da vida atribulada na cidade do Rio de Janeiro na década de 1960 são evocados, assim como o estranhamento de quem vem do interior ao olhar e sentir a cidade grande e maravilhosa. A miséria de Passo do Grotão – Dalva ajoelhada soprando o fogo feito no rancho nas manhãs geladas, lâminas transparentes quebrando-se sob seus pés, tia Eulália falando no diabo e nas tentações – tudo ia e vinha, presentificando-se na mão estendida dos retirantes que esmolavam ao longo da Avenida Rio Branco. Encantada, ela caminha e desvela um mundo tão diferente do seu, ao mesmo tempo tão semelhante ao que vivia com tia Eulália em Passo do Grotão: “– o Rio tinha de ser isso mesmo: só podia ser assim, com música saindo dum movelzinho atravessado à porta da loja, metade pra dentro metade pra rua e os vendedores em mangas de camisa conversando entre si, altos, impávidos, soberbos como reis” (p. 35). Dalva se apaixona e se deixa envolver pelo centro e pela avenida em aura de magia e sortilégio: “agora sim, agora tô no Rio de verdade. [...] Cresceu, empinou-se, forte e nova, cidadã do Rio, Dalva dos Santos [...] Larga e reta vibrando ao sol. Turbulenta, viva. Foi amor à primeira vista, seus olhos se umedeceram de amor” (p. 39). Os homens, rindo e dizendo

¹ A partir daqui, as páginas, após as citações retomadas exatamente como foram grafadas, referem a obra SILVA, Carmen da. Dalva na rua Mar. In: *A cidade e as ruas. Novelas cariocas*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1965.

“belezoca” (p. 35), lembravam os “garotões” (p. 42) que riam de Nair, desgrenhada e macilenta, perdida na vida. Não, “ela não se perderia nunca” (p. 43). Aberta e receptiva, aproveita a oportunidade única que a vida lhe oferece e deixa-se impregnar pelos acontecimentos: “ela é olhos e ouvidos da avenida” (p. 33): músicas, frases soltas, miséria, mulheres deslizando em salto alto, buzinas, vendedores, corre-corre da cidade, casais apaixonados, gerente dos olhos fervidos. É assim, subitamente, que Dalva internaliza a cidade grande e protagoniza em microcontos a vida de cada um que naquele dia por ela passa, tornando-se Dalva-gerente, Dalva-par-de-amantes, Dalva-pau-de-arara – quando se descobre a composição de sua família, os pais e mais seis filhos que vieram da caatinga tentar a vida na “cidade imensa e caótica” (p. 46) –, Dalva-mãe e Dalva-mulata, último papel, o de estonteante mulata que paralisa o trânsito e desperta o desejo dos homens.

Os microcontos/devaneios em itálico entremeados à narrativa refletem a multiplicidade de Dalva na unidade da novela. O olhar exótico que lhe é dirigido e com o qual ainda hoje as mulatas são medidas, pode-se dizer que remonta à época colonial, presente desde os textos inaugurais das grandes viagens das descobertas e nos diários de bordo daquelas expedições.

Aqui os peixes são tão diferentes dos nossos que é maravilha. Há os que são como galos, enfeitados com as mais finas cores do mundo: azul, amarelo, vermelho e todas as cores. Outros são tingidos de mil maneiras e suas cores são tão belas que não há homem que não fique maravilhado ao olhá-los. Há também as baleias. Em terra não vi nenhum animal de espécie alguma, excetuando os papagaios e os lagartos (COLOMBO, 1991, p. 71).

Quanto mais a realidade “referencial” distancia-se do cotidiano, mais será difícil confrontá-lo ao “real” conhecido. Esse é o fenômeno primário do exotismo, a respeito do que, em sua crítica, Tzvetan Todorov bem mais adiante dirá:

Ora, o desconhecimento dos outros, a recusa em vê-los tal qual eles são, podem dificilmente ser assimilados a uma valorização. É bem ambíguo o cumprimento que louva o outro simplesmente porque ele é diferente de mim. O conhecimento é incompatível com o exotismo, mas o desconhecimento, por sua vez, é inconciliável com o elogio dos outros; ora, é precisamente isto que o exotismo gostaria de ser: um elogio do desconhecimento. Este é o seu paradoxo constitutivo (1989, p. 298).

Os devaneios exóticos e seus paradoxos de que fala Todorov, experimentados por Cristovão Colombo e por Dalva na rua Mar, estão na base das primeiras elaborações do sentimento nacional, inscrevem-se nos textos inaugurais e marcam o barroco no século XVII, que demarca nossa literatura pelo gosto da exaltação da realidade. Essa “cor local” continua a ser celebrada de geração em geração e assim igualmente o é na narrativa de Carmen da Silva, urdida com requintes barrocos na própria linguagem. Embora em aparência igualada à mulher negra – ainda hoje condenada aos trabalhos subalternos – a situação da mulata é diferente. Segundo Roger Bastide, ela guarda as características da branca, “com o acréscimo dessa pontinha de fogo, dessa lascívia atraente que lhe dá o sangue negro” (BASTIDE; FERNANDES, 1959, p. 205). Interposta a meio caminho cromático entre brancas e negras, a mulata concentra o exotismo destas sem sofrer as desvantagens estéticas atribuídas às brancas. Bem ao contrário, a cor de sua pele parece servir para despertar a sensualidade, sugerindo atrativos inacessíveis à brancura nem sempre expressiva das jovens e das mulheres livres. Para ir além quanto à origem da fixação desse pensamento, é preciso voltar à época em que o país foi colônia portuguesa e relembrar o conhecido e depreciativo provérbio evocado por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*: “A negra no fogão, a mulata na cama e a branca no altar” (FREYRE, 1975, p. 104). Cabe não esquecer que os colonizadores já conheciam a deliciosa figura da moura encantada, de pele escura e olhos negros, o que explicaria sua disposição favorável a aceitar a estética da mulher não-européia.

Em “Dalva na rua Mar”, a protagonista e sua irmã Nair são ambas mulatas marcadas pelo estereótipo, oriundas da mesma situação de miséria. Mesmo assim elas encontram caminhos diferentes para lidar com o preconceito. Dalva, risonha, religiosa, pernas moças, carne nova, olhos imensos e ávidos, é “moça séria com emprego decente” (p. 43), Nair, ao contrário, é descrita “perdida, magra, desgrenhada, macilenta, olhos fervidos, rosto que se pintava de rosetas como brasas” (p. 42); quando tossia, não tinha volta, sozinha no fim do mundo, fora de qualquer magia, qualquer entusiasmo, como se sua condição fosse natural e irreversível.

Dalva abandona a pobreza de Passo do Grotão, vai para o Rio de Janeiro trabalhar como doméstica, levando consigo a convicção de que jamais se perderia. Não faltam assédios, apelos e tentações enquanto caminha pela avenida: “de um velho que lhe piscava o olho em convite”, do moço que sussurrava “belezoca” ao pé do ouvido, ou de outros homens

que “soltavam piadinhas”. Mas Dalva não se rende; ao contrário, empina-se com altivez e segue seu caminho:

Dalva dos Santos é a mulata ardendo em sua beleza, consciente do rastilho que o rebolar de suas cadeiras vai acendendo ao longo da Avenida; ela não levita como a mulher branca – sua carne solar não foi feita para os abraços aéreos e impalpáveis, carne de chocolate pálido que as miradas lambem com línguas infantilmente vorazes – Dalva-mulata desliza como lagartixa no areal escaldante, a seiva escachoando dentro dela que nem a água côr de sol nos aquários [...]. Dalva-mulata entra no pôrto da Avenida com o moreno velame do seio enfunado, baloiçando à brisa – caravela abrindo nôvo caminho-das-Índias no sangue marinheiro dos homens. (E se ela é mar não adianta gritar “Terra!” porque eles torcerão o rumo em busca do recôncavo do horizonte. E se ela é terra não adianta mandá-los torcer o rumo porque eles se jogarão e irão a nado em busca de suas praias. [...]Mas como ela é apenas carne-tépida polpa sumarenta-braços, seios, pernas, olhos, cintura, bôca – êles só sabem é ficar olhando embasbacados e mudos, prendendo a respiração nos pulmões (p. 50).

A mulata Dalva de Carmen da Silva, em sua relação com o homem branco e na representação do amor pela sua cor, o amor não-carnal, o amor com desejo de levar Dalva-mulata ao altar, desconstrói o dito popular referido um pouco antes: “Ele ama a mulata. O homem-Dalva: irremedialvelmente apaixonado. Esse amor incongruente e tardio pulsando num coração rebentado. Ah!” (p. 51).

Se Nair sai da casa da tia por não aguentar mais a miséria e a pobreza, longe de Passo do Grotão ela encontrará um mundo ainda mais duro e cruel: “perder-se não era coisa do diabo não senhor. O diabo não ia arriscar seu prestígio em assunto tão sórdido e triste. Perder-se era coisa da vida, do dia-a-dia sem enfeites” (p. 42). Nada mais restava a Nair senão usar a seu favor a “fama” da mulata, tornando-se “mulher da vida” para conseguir sobreviver. Quanto a Dalva, se a mesmice do interior acaba, se não se deixa perder, o estereótipo será reforçado pela condição de miséria inarredável que a espera. Imagem resumida, simplificada, injusta e banal, extraída de uma realidade passada, parcial ou dubitavelmente vivida, o estereótipo, definido por David Brookshaw (1983), é a causa e o efeito de um prejulgamento a respeito de uma pessoa com relação a outra, conforme a categoria à qual pertence. Porque dependem de sua flexibilidade, os estereótipos podem mudar conforme os desenvolvimentos socioeconômicos e ideológicos. Um estereótipo do tipo desfavorável pode adquirir qualidades positivas. Assim, por exemplo, o sim que Dalva dera ao Rio,

às ruas, às árvores, estátuas e pombas converte-se num sim universal, ela está incomensuravelmente aberta, receptiva, mais côncava que a própria terra e o próprio céu – o sim deixou de ser resposta para transformar-se em atitude total, a Avenida dentro dela, as pessoas dentro dela: Dalva dos Santos é tôdas as vidas que viu desfilar desde que bebeu o sol do Rio num copo de suco gelado e descortinou o milagre da Avenida (p. 44).

É com um “estrépito” (p. 52) que ela desperta e vê que já é noite e que a única coisa que lhe resta é o dinheiro no fundo da bolsa, mal sabe ela, não é suficiente nem para a passagem que a levará para a casa de sua nova patroa. Mas “é a Avenida Rio Branco, é Dalva-dos Santos-sua criada, môça séria, com emprego decente, ordenado no fim do mês – e no Rio, NO RIO! (p. 43).

Referências

ALMEIDA, Marina Barbosa. Ruídos na representação da mulher: preconceitos e estereótipos na literatura e em outros discursos. Disponível em http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Marina_Barbosa_de_Almeida_13_A.pdf. Acesso em: 31 maio 2009.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Martins, 1969.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1959.

BERND, Zilá. *Racismo e anti-racismo*. São Paulo: Moderna, 1994.

BOSI, Alfredo. *Literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

COLOMB, Cristoph. *La découverte de l'Amérique: le journal de bord (1492-1493)*. Paris: La Découverte, 1984.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.

DURANTE, Daniel Castillo. *Du stéréotype à la littérature*. Montréal: XYZ, 1994.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

HANCIAU, Nubia. A representação da mulata na literatura brasileira: estereótipo e preconceito. *Cadernos Literários*. Rio Grande: Ed. da FURG, v. 7, p. 57-64, 2002.

QUEIRÓS JÚNIOR, Teófilo. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1987.

SEGALÉN, Victor. *Essai sur l'exotisme*. Paris: Fata Morgana, 1978.

SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

SILVA, Carmen da. Dalva na rua Mar. In: ADONIAS FILHO et al. *A cidade e as ruas: novelas cariocas*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres*. Paris: Seuil, 1989.
